



Entrevista: Prof. Dr. Ricardo Souza Cardoso –
diretor do Instituto Ipê/UFRPE

Universidade Federal Rural de Pernambuco cria instituto para fomentar inovação

A Inovação tem sido considerada um dos principais pilares do atual modelo de gestão da Universidade Federal Rural de Pernambuco e ao ser aplicada em busca de soluções e produtividade tem dados mostras que este é um dos caminhos possíveis para o desenvolvimento socioeconômico. Essa tendência que vem mudando as relações entre ensino, aprendizagem e a pesquisa motivou a UFRPE a criar o Instituto Ipê, um verdadeiro “hub de articulação”, nas palavras do diretor Ricardo Souza Cardoso, que reúne quatro núcleos: Pesquisa, Empreendedorismo e Inovação, Internacionalização e Relações Interinstitucionais. Em conversa com a reportagem, o professor explicou que aplicação prática da inovação passa pelo incentivo ao empreendedorismo. Atualmente, o Ipê fomenta 55 startups de tecnologia agrária, biológica, têxtil e da informação. Confira abaixo os principais trechos da entrevista.

O Instituto Ipê surgiu com a proposta de ampliar parcerias e financiamentos de projetos acadêmicos, por meio da otimização de processos existentes e integração entre áreas complementares. Qual o balanço dessa nova estrutura passado pouco mais de um ano de funcionamento?

Nós vimos que muitas universidades estão no movimento de separar, administrativamente falando, a

pós-graduação da pesquisa. Apesar de a pós-graduação ser o carro-chefe da pesquisa, você tem pesquisa na graduação, nos laboratórios, centros de pesquisa, ensino médio e ensino técnico. Até então a Rural trabalhava com uma pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação e foi retirada essa gestão da pesquisa científica e tecnológica da pró-reitoria e veio para o Instituto que trouxe a área de Inovação e Empreendedorismo. A gente sabe que a Inovação é muito vinculada à Pesquisa, e o ponto de partida da Inovação é o conhecimento, mas só a Inovação sem aplicação não é Inovação. Por isso a gente procurou criar um Instituto que fizesse a interface entre essas duas áreas.

Percebe-se que o empreendedorismo é crucial para a aplicação da Inovação. Como tem sido o fomento à criação e ao desenvolvimento de novos negócios, de uma cultura empreendedora?

Nós criamos um programa pioneiro no Nordeste, que é o Programa de Iniciação ao Empreendedorismo (Piemp). É a mesma lógica do Pibid (iniciação à docência) e Pibic (iniciação científica) só que com o foco em negócio. Temos as bolsas para os estudantes para que eles possam criar negócios a partir de mentorias nossas e parcerias com o Sebrae, virar uma startup. Criamos também diversos outros programas

de interação com o mercado, e adotamos um já bastante conhecido e praticado pelo Porto Digital, como o Match Day: um determinado cliente ou organização apresenta suas necessidades e a plateia apresenta propostas de solução. Então trouxemos esse conceito aqui para a universidade, nossos pesquisadores ouvem aquelas demandas e propõem projetos. Fizemos isso em Suape. Para a nossa surpresa, esperávamos muitas demandas do ponto de vista de engenharia e tecnológico e quando vimos as necessidades eram mais na área ambiental e de sustentabilidade. Inclusive estamos criando um campus avançado da Universidade lá: vai ser a Estação Suape Sustentabilidade. Vamos ter a presença física de pesquisadores lá no complexo portuário para ficar mais próximo a esse ecossistema.

Tendo em vista a constituição multicampi da UFRPE, como funciona a articulação das ações de inovação nos campi fora da Região Metropolitana do Recife?

A gente tem hoje quatro unidades acadêmicas: Recife, Serra Talhada, Belo Jardim e no Cabo de Santo Agostinho. Fora essas unidades que têm como foco ensino e capital humano, temos os campi avançados, que são unidades experimentais. São estruturas que vão além do ensino e com espaços físicos para fazer experimentação na terra mesmo. Em Carpina temos as estações de cana-de-açúcar, a de pequenos animais; duas estações de agricultura irrigada no Sertão (Ibimirim e Parnamirim), uma fazenda didática e a clínica de bovinos em Garanhuns; uma estação de pesca em Itamaracá; uma estação ecológica em Tapacurá. Então quando a gente lança o programa, nós procuramos obter propostas de todas essas unidades, tanto as acadêmicas quanto dos campi avançados. Temos procurado fazer uma mobilização para que os alunos participem.

O senhor poderia citar alguns cases e como eles se relacionam com o setor produtivo?

Essa estação de cana-de-açúcar tem muito contato com o setor sucroenergético, sobretudo com as usinas. Setenta por cento da cana que é plantada no país vêm de uma variedade que foi produzida por uma rede de universidades (e que a Rural de Pernambuco faz parte) chamada Ridesa (Rede Interuniversitária

para o Desenvolvimento do Setor Sucroenergético) que faz todo um trabalho de melhoramento genético para tornar essa cana mais produtiva. Outro exemplo, lá em Garanhuns, essa clínica de bovinos é reconhecida internacionalmente e atende os produtores e criadores daquela região só com animais de grande porte (bois e cavalos).

As questões ambientais e de sustentabilidade têm demandado cada vez mais esforços por inovação. O senhor destacaria algum projeto ou iniciativa que tem atendido a essa demanda?

Dois seguimentos que a universidade pode se destacar é o de agritec, que envolve as Ciências Agrárias e Tecnologia, e as biotecs, que envolve as Ciências Biológicas e Tecnologia. Na verdade, são duas áreas complementares. A gente está criando essas estruturas de startups. Em um de nossos levantamentos, percebemos que as agritecs estão concentradas no Eixo Sul (Paraná, São Paulo e Minas Gerais) que são startups voltadas para oferecer serviços e soluções para o agronegócio. A gente viu que há uma lacuna dessa área em Pernambuco e no Nordeste e por isso estamos tentando fortalecer o ecossistema das agritecs aqui na região. Já temos algumas startups interessantes. Uma delas é a Recibra, dos alunos de engenharia do Cabo de Santo Agostinho, que trabalha com reciclagem e reutilização de peças para recriar novos equipamentos, tem todo um trabalho de recondicionamento. Eles perceberam, logo no começo da pandemia, que alguns colegas estavam sem computador para estudar. Eles montaram computadores, tablets a partir da doação de outros equipamentos e disponibilizaram para os estudantes. Nós demos apoio para essa startup e eles conseguiram entregar alguns equipamentos e foram premiados por isso.

Isso significa que essas ações não se concentram nas ciências agrárias e biológicas...

Tem toda essa questão da sustentabilidade e como universidade, temos duas formas de atuar: por meio de projetos de pesquisa e inovação; e por meio da prestação de serviço à organizações externas, que é autorizado pelo Marco Legal de Ciência e Tecnologia.